

Apresentação

Rafael Eisinger Guimarães 

Universidade de Santa Cruz do Sul – UNISC – Rio Grande do Sul – Brasil

Rita Terezinha Schmidt 

Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS – Rio Grande do Sul - Brasil

Margaret Randolph Higonet 

University of Connecticut – Uconn – Connecticut – Estados Unidos



O livro *Sexual Politics*, publicado em 1970, representou um marco no desenvolvimento do feminismo, sobretudo no que se refere à chamada corrente anglo-americana da crítica literária feminista. Seguindo o caminho aberto por Virginia Woolf, em especial no seu ensaio *Um teto todo seu*, publicado em 1929, Simone de Beauvoir e seu *O segundo sexo*, de 1949, e Betty Friedan com seu *A mística feminina*, lançado originalmente em 1963, a obra de Kate Millett deu início a uma ampla e aprofundada reflexão sobre o pensamento patriarcal, que levou a sua definição teórica de política sexual. Mais do que apenas mergulhar em seus antecedentes históricos, trazendo evidências das ciências biológicas quanto ao caráter cultural do gênero (uma das suas referências foi o livro de Robert Stollers, *Sex and Gender*, publicado em 1968), ela apresentou uma convincente análise do funcionamento da política sexual, incluindo questões de raça, incorporada por textos literários de escritores do sexo masculino.

Com uma extensa pesquisa sobre a complexa estrutura da dominação patriarcal exercida por meio da sexualização do poder, Millett inaugurou o caminho percorrido pelo feminismo teórico anglófono, ampliando sua influência por outras geografias e contextos nacionais. Hoje, passados cinquenta anos de sua publicação, o texto de Millett, traduzido para diversos idiomas (dentre eles português, francês, alemão e turco), ainda inspira pertinentes debates interdisciplinares, em especial no que tange ao imaginário sobre gênero e seus efeitos estruturais que moldam as bases ideológicas e materiais das sociedades ocidentais contemporâneas.

Em um contexto no qual o feminicídio, a violência doméstica, o estupro e a misoginia ainda alimentam as manchetes diariamente, a relevância dessa obra escrita há meio século torna-se inquestionável. Nesse sentido, muito embora as reflexões de Kate Millett não tenham figurado de forma tão explícita no debate promovido pela crítica feminista brasileira, é possível ouvir, contemporaneamente, os ecos de seu discurso, de inquestionável relevância para o pensamento feminista ocidental. Tendo em vista essas questões, o presente dossiê sobre crítica feminista da revista *Signo* reúne textos que, olhando para os mais distintos objetos literários, buscam explorar, mesmo que de forma não declarada, as questões discutidas nesta obra clássica de Kate Millett. Juntamente a esses artigos, o volume também traz artigos de crítica literária que não se propõem a uma leitura pelo viés da crítica feminista (apresentados na Seção Livre), além de resenhas e uma entrevista.

Esperamos que vocês desfrutem da leitura.

Rafael Eisinger Guimarães – Universidade de Santa Cruz do Sul
Rita Terezinha Schmidt – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Margaret Randolph – University of Connecticut